



MENINOS HOMENS PRETOS, EDUCAÇÃO E ESCOLA

EDUCACIÓN, ESCUELA Y NIÑOS NEGROS

EDUCATION, SCHOOL AND BLACK BOYS

*Monica da Silva Francisco*¹

RESUMO

O presente trabalho discute a presença de meninos homens pretos dentro da escola, pensando primeiramente o contexto histórico da inserção da população negra dentro das escolas brasileiras, a partir daí, utilizamos o conceito de masculinidades negras desenvolvida por Tommy Curry que utiliza o conceito de gênero desenvolvido por Sylvia Winter para pensar os homens negros dentro de sociedades racializadas. Utilizamos como referencial teórico os Estudos sobre Homens Negros, e os estudos produzidos no Brasil sobre juventudes negras e escola, enfocando na presença de adolescentes negros, que conforme as pesquisas brasileiras são os que mais evadem a escola durante o ensino fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Educação. Meninos homens pretos. Juventudes.

RESUMEN

El presente trabajo analiza la presencia de niños y hombres negros en la escuela, considerando en primer lugar el contexto histórico de la inserción de la población negra en las escuelas brasileñas. A partir de ahí, utilizamos el concepto de masculinidades negras desarrollado por Tommy Curry, que utiliza el concepto de género desarrollado por Sylvia Winter para analizar a los hombres negros en sociedades racializadas. Utilizamos como referencia teórica los Estudios sobre Hombres Negros y los estudios producidos en Brasil sobre la juventud negra y la escuela, centrándonos en la presencia de adolescentes negros, que según las investigaciones brasileñas son los que más abandonan la escuela durante la enseñanza primaria.

PALABRAS-CLAVE: Escuela. Educación. Niños negros. Juventud.

ABSTRACT

This paper discusses the presence of black boys in schools, first considering the historical context of the inclusion of the black population in Brazilian schools. From there, we use the concept of black masculinities developed by Tommy Curry, which uses the concept

¹ Doutora em Educação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil.

of gender developed by Sylvia Winter to consider black men in racialised societies. We use Black Men Studies as a theoretical reference, as well as studies produced in Brazil on black youth and school, focusing on the presence of black adolescents, who, according to Brazilian research, are the ones who most often drop out of school during primary education.

KEYWORDS: School. Education. Black boys. Youth.

A ideia do negro bárbaro é uma invenção europeia
Aimé Césaire

Introdução

A epígrafe de Aimé Césaire traz à tona dois processos vigentes no século XXI: o racismo e a marginalização dos corpos negros. O emprego do termo “bárbaro” revela toda a desumanização que recai sobre as populações de pele escura/escurecida, legitimando todas as violências que lhes são direcionadas.

Este texto integra minha tese de doutorado *Moleques Pretos: um estudo sobre as juventudes pretas de Queimados*, na qual estudei o processo de formação humana de adolescentes pretos e suas interações com a escola, a família e a sociedade.

Os métodos e técnicas de pesquisa a serem utilizados foram: levantamento bibliográfico e revisão de literatura. Em relação ao referencial teórico, o trabalho se ampara nos Estudos sobre Homens Negros de Tommy Curry para pensar os adolescentes negros, somados aos documentos e pesquisas produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas sobre evasão escolar no Brasil e nos estudos dos intelectuais negros concernentes à educação, a raça e a população negra.

O texto discute sobre meninos pretos e escola e educação estruturando-se em três aspectos principais: inicialmente, a raça dentro do âmbito da escola brasileira; em seguida, apresento os Estudos sobre Homens Pretos desenvolvidos Tommy Curry sobre as vivências de homens negros dentro de sociedades extremamente racializadas e com profundas marcas de violência direcionadas a população masculina negra; por último, abordo algumas questões sobre a presença e ausência dos meninos pretos nas escolas brasileiras, dialogando com os documentos públicos que evidenciam o crescimento da evasão escolar masculina preta e parda nesses anos que se seguiram à pandemia de

COVID-19. Concluo o artigo apresentando minhas reflexões sobre o tema, que não se esgotam tendo em vista a importância desse tema.

Escola e população negra

Na concepção de (Kabengele Munanga, 2004), “a raça um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação”. E esse poder se mostra de forma muito contundente nas sociedades colonizadas “herdeiras históricas das ideologias de classificação social (racial e sexual) e das técnicas jurídica-administrativas das metrópoles ibéricas (Gonzalez, 1988).

A raça é uma questão bastante presente na educação brasileira desde os primórdios das escolas no país, quando foi instituída na legislação de 1827 as diretrizes sobre o público a que seria oferecida a educação escolar, “são proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiro: pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos” (Brasil, 1827). A lei tinha por objetivo impedir o acesso da população preta e dos escravizados à escola, mesmo que eles fossem alfabetizados em outros espaços não poderiam frequentar essas instituições. A pesquisadora (Surya Pombo de Barros, 2016, p.5) no artigo *Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX* mostra que além da lei imperial, existia vários decretos vigentes em várias províncias (Maranhão, Rio Grande do Sul, Goiás, Paraná, Rio Grande do Norte, etc.) que proibiam a presença de escravizados no ambiente escolar.

A Lei Eusébio de Queirós, a lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, “Art. 1º Ficam proibidas as aquisições de terras devolutas por outro título que não seja o de compra. (Brasil, 1850). A proibição de que os escravizados e os africanos livres ou libertos pudessem comprar terras aumentou a pobreza desses grupos, porque eles não tinham recursos financeiros para fazer a compra e também não tinham direito à posse por usucapião. Essa restrição fez com que a população negra fosse sendo segregada para áreas mais afastadas e com menor valor. Depois de dois séculos e da abolição dessas leis, ainda é possível perceber que a população negra e parda continua sofrendo os efeitos dessas regras que impediam que eles tivessem acesso à escola, às terras e a outros direitos.

No ensino fundamental, por exemplo, à medida que os alunos avançam nas séries, nota-se uma diminuição no número de estudantes negros e pardos. Tendo em vista essa realidade, observo que a inserção e permanência de estudantes pretos e pardos na escola

é atravessada por questões sociais, culturais, geográficas, que impactam diretamente o processo educacional desse grupo. Durante meu percurso docente, atuei em etapas de formação profissional ofertados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAI direcionada aos jovens das classes populares, fui notando paulatinamente a diminuição de adolescentes negros durante os cursos de formação inicial para preparar os jovens para o ingresso no mercado de trabalho. Tive a mesma noção trabalhando no segundo segmento do ensino fundamental, conforme os alunos iam avançando para o término dessa fase, menores as quantidades de aprendizes não brancos.

Minhas observações sobre a repetição desses eventos nas escolas que trabalhei se conecta diretamente com os dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas- IBGE em 2024 que mostram a evasão escolar como um fenômeno histórico que atinge diretamente as populações pretas e pardas jovens. Os estudos publicados apontam:

Entre jovens com 15 a 29 anos de idade, 19,8% não estavam ocupados nem estudando, proporção que era de 14,2% entre os homens e salta para 25,6% entre as mulheres. No grupo etário de 14 a 29 anos, 9,0 milhões não completaram o ensino médio, seja por terem abandonado a escola antes do término desta etapa ou por nunca a terem frequentado. Destes, 27,4% eram brancos e 71,6% eram pretos ou pardos. Para 53,4% dos homens, o principal motivo para deixar a escola foi a necessidade de trabalhar, seguido pela falta de interesse em estudar (25,5%). Para as mulheres, o principal motivo foi também foi a necessidade de trabalhar (25,5%), seguido pela gravidez (23,1%). Entre os brancos de 18 a 24 anos, 36,5% estavam estudando, enquanto entre os jovens pretos e pardos essa taxa era de 26,5%. (Ibge,2024).

A pesquisa mostra a grande quantidade de jovens brasileiros que não estudam e uma maior quantidade de mulheres fora dos bancos escolares. Esse grupo não concluiu o ensino médio e muitos nem chegaram a essa etapa, havendo uma maior porcentagem de pessoas pretas e pardas do que de brancas sem ensino médio. Destaca que entre os homens o ingresso no mercado de trabalho é um dos fatores para abandono escolar somado da falta de interesse, ou seja, muitos jovens não veem a escolarização como possibilidade de ascensão social que os motivem a continuar estudando. Para as mulheres a pobreza e a gestação são fatores que elas abandonem a escola. As apurações mostram as discrepâncias entre os números de brancos e o grupo negro na escola, registrando as desigualdades raciais dentro do contexto da escola brasileira.

A Professora Iolanda Oliveira, pondera que

As desigualdades raciais na educação brasileira continuam evidenciadas em diferentes pesquisas. A despeito de ser maioria na população, a condição da população negra é sempre inferior à média da população brasileira em todos os setores sociais. Da educação infantil, até o ensino superior dá-se uma expulsão cumulativa dos negros brasileiros da educação escolar; ainda que o problema do ingresso tenha sido resolvido, a permanência com sucesso ainda é algo não atingido pela educação dos negros em sua grande maioria a despeito dos avanços evidenciados nos últimos anos, hoje seriamente ameaçados (Oliveira, [s.d.]

A intelectual observa que mesmo com os avanços das políticas de inclusão social, a população negra ainda encontra-se distante de equiparação com outros grupos raciais não conseguindo ser inserida de forma completa dentro do ambiente educacional, pontua que nem a superioridade numérica do grupo negro, maioria da população do país, garante acesso real às políticas de inclusão que possibilitem que o grupo negro permaneça nos bancos escolares de modo a se igualar com o grupo branco.

Algumas teóricas afirmam que a evasão escolar “não estritamente condicionada à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas atrelada também às fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos” (Michelly Eustáquia do Carmo & Francine Lube Guizardi, 2018, p. 2). Quando falamos da construção da formação de vínculos com a escola, não podemos perder de vista, o gênero como questão fundamental para pensarmos a relação que se constrói com os meninos na escola, vistos como indisciplinados, brigões e mal educados rotulando o corpo negro masculino portador de estereótipos como “simplificação da realidade a partir de um número reduzido de elementos específicos, que são exagerados da ocultação consciente ou do simples esquecimento”. (Mara Viveros Vigoya, 2018, p.106).

Gênero? Meninos homens pretos

Para pensar sobre a presença de meninos homens pretos na escola, amparo-me nos Black Man Studies, Estudos sobre Homens e Jovens Negros desenvolvidos pelo Professor Tommy J. Curry, docente titular na Universidade de Edimburgo. O campo de estudos é focado na experiência masculina negra diante do sexismo, patriarcado, racismo presentes na sociedade americana “à misandria racializada, enquadrando a masculinidade negra como um local de vitimização racial-sexual, vulnerabilidade e violência” (Tommy Curry, 2019, p. 24).

Na introdução do livro, “The Man-Not: Race, Class, Genre, and the Dilemmas of Blackmanhood”, que em português significa “O não-homem: raça, classe, gênero e os dilemas da masculinidade negra”, o autor faz uma observação bastante importante sobre os lugares destinados aos homens negros no mundo ocidental, o não-homem.

Homens negros como o não-homem é uma formulação teórica que tenta capturar a realidade da masculinidade negra em um mundo anti-negro. Porque é enraizado na formulação colonial de designação de sexo, não de gênero, e não reconhece que a masculinidade racial não é coextensiva ou sinônimo de as formulações de masculinidade, ou patriarcado, oferecidas pela realidade branca. O Man-Not é a negação não apenas da masculinidade negra, mas também da possibilidade ser tudo menos animal, a besta selvagem, fora das contas civilizacionais de gênero (Curry, 2019, p. 5).

Ser não-homem na perspectiva de Curry refere-se à invisibilidade dos homens negros dentro do mundo contemporâneo ocidental e principalmente aos mecanismos de morte utilizados contra esses sujeitos na atualidade, uma vez que os modelos de análises presentes nos estudos de gênero recaem sobre os homens pretos e pardos escurecidos os estereótipos de esturpadores, violentos, bandidos e todos os estigmas associados a masculinidade tóxica e os papéis valorizados ligados às estruturas de poder, educação são endereçados aos homens brancos.

Embora a obra aborde a realidade norte-americana, o estudo possui similaridades com a realidade social brasileira em que a incidência de violência letal, genocídio da juventude negra e o encarceramento atingem níveis cada vez mais estratosféricos e o “crivo dos marcadores raciais evidencia que, mesmo com a agenda pública nacional mais permeável ao debate racial, permanece vívida uma zona do não ser, que recusa dignidade às pessoas negras. E quando o assunto são homicídios, a recusa fica evidente” (IPEA; FBSP, 2025).

No Brasil, existe um alto índice de letalidade contra homens pretos e homens de ascendência africana, em que os homens pretos e os pardos (mestiços em sua variedade fenotípica).

Para Curry (2018)

A masculinidade passou a ser entendida como sinônimo de poder e patriarcal, e racialmente codificado como branco, não tem conteúdo para o homem negro, que em um mundo anti-negro é negado a masculinidade e é atribuído como feminino em relação à masculinidade branca. Se a brancura é masculina em relação à negritude, então a negritude se torna relacionalmente definida

como não masculino e feminino, porque não tem o poder da masculinidade branca (Curry, 2018. p. 5).

O autor retoma as ideias concebidas sobre masculinidade presente nos estudos sobre gênero produzidos no norte global, entendidas como “as práticas de gênero dos homens levantam importantes questões de justiça social, considerando-se a escala da desigualdade econômica, a violência doméstica e as barreiras institucionais à igualdade das mulheres” (Raewyn Connel, 1995, p.14), usando como ponto de partida a literatura ocidental branco centrada, o estudioso compreende a masculinidade como um lócus de enunciação que remete às estruturas de poder (bélico, financeiro, político, social e cultural) ocupadas pelos homens brancos descendentes de europeus em sua diversidade étnica.

O intelectual observa que as pesquisas sobre homens negros são produzidas a partir das perspectivas de homens e mulheres brancas, do feminismo negro e sempre baseadas em teorias racistas formuladas pela ciência eurocêntrica.

Na contramão desses estudos, a teoria produzida pelo intelectual busca situar

Os estudos sobre homens negros tentam teorizar os homens negros a partir do trabalho empírico sobre os homens negros, mostrando que eles são os indivíduos mais progressistas de gênero e orientados para a comunidade na comunidade negra, bem como os pais mais envolvidos. Há uma resistência em entender os homens negros além das caricaturas deles como violentos, abusivos em relação às mulheres e estupradores dentro das disciplinas acadêmicas (Curry, 2018, p. 76).

Para além de produzir um olhar mais apurado sobre os homens e meninos pretos, apartado das visões sexistas que criam um distanciamento entre o masculino e o feminino, que muitas das vezes excluem “as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros”. (Guacira Lopes Louro, 2008, p. 33).

Em seu campo teórico, Tommy Curry utiliza o termo *genre* cunhado na obra *On being human as Praxis* de Sylvia Winter em substituição de *gender*, embora a palavra só exista dentro da língua inglesa, a autora do sintagma observa que a origem etimológica do termo *gender* significa bondoso e remonta aos papéis de homens e mulheres na burguesia em que esses indivíduos possuíam seus espaços demarcados pelo gênero.

Na concepção de Winter, *Gender*

indica a ruptura da ordem fundada no homem e na mulher europeus, que é expresso pelo termo de gênero. O contato da Europa com não-europeus reordenou o esquema de gênero, porque “o código primário da diferença agora tornou-se aquela entre “homens” e “nativos”, com os tradicionais “homens” e “mulheres” distinções que agora vêm jogar um secundariamente- se não menos poderoso- reforço do papel dentro do sistema de representações simbólicas “. Na medida em que como a negritude expressa a indeterminação de ser como não-ser, o gênero também é. Na medida em que como a Negritude expressa a indeterminação de ser como não-ser, o gênero também é reformulado (Sylvia Winter, 1986, p. 56).

Wynter defende outra perspectiva para compreensão da realidade social dos povos melaninados, proposta a partir da maneira com que os intelectuais negros concebem as diferenças produzidas a partir das narrativas dos europeus em contato com povos não brancos que introduziram o conceito de raça e gênero a partir das visões que possuíam de si e dos demais povos como descreve Maria Lugones, no artigo “Colonialidade e gênero”, no qual a teórica observa que o conceito de gênero surgiu a partir do contato dos europeus com os outros povos que passam a ser generificados, uma vez, que “o dimorfismo biológico, a dicotomia homem/mulher, a heterossexualidade, e o patriarcado estão inscritos – com letras maiúsculas e hegemonicamente – no próprio significado de gênero” (Maria Lugones, 2008, p. 4).

Adotando o termo *genre* como lugar de enunciação sobre os homens negros, Tommy Curry conceitua:

O *genre* difere do gênero por esta distância que os homens negros compartilham com o homem ocidental a priori, e, por consequência, o patriarcado. Considerando que o gênero afirma que as ordens históricas e sociais, definidas pelo marcador biológico do sexo, são de fato sinônimos da localização histórica e sociológica do masculino negro. *Genre* expressa como o registro de não ser distorce as categorias fundada sobre a antropologia branca ou a do humano. Categorias populares de análises como classe, gênero e até mesmo raça supõem um modelo sobre o qual eles imprimem. Mas qual é a aplicabilidade do modelo humano categorias sobre o não-humano? O macho negro é negado não de uma origem Mas qual é a aplicabilidade da categorias sobre o não-humano? O macho negro é negado não de uma origem do ser (humano), mas da nihilidade. As reflexões de Frantz Fanon sobre a objetividade e não ser não são simplesmente descrições de negação; não são termos de proxêmicos, mas termos de registro. Ser masculino – a nihilidade da qual ele nasce. Longe do burguês ordem da espécie expressa pelo homem, o gênero é específico do tipo, o tipo de existência expresso pelo homem negro (Curry, 2008, p. 56).

Assim como Tommy Curry, acredito que o termo gênero usado na maioria dos estudos sobre homens meninos negros e masculinidades remetem às perspectivas

feministas em que a voz do homem negro é silenciada sendo necessário que os outros (mulheres e homens brancos, e mulheres negras) enunciem sobre o masculino negro, muitas das vezes animalizado na palavra “macho”.

No meu texto, utilizo a expressão menino homem preto, numa citação indireta a Marília Pinto Carvalho (1988), intelectual que estuda o cotidiano escolar das escolas de São Paulo, destaca que desde a Educação Infantil os meninos negros recebem menos cuidados que as demais crianças de outro gênero e raça. Como se desde pequenos, eles fossem responsáveis por si mesmos, vivenciando situações de racismo e sexismo dentro dos espaços escolares sofrendo o estigma racial que associa os homens negros a delitos e à violência,

As teorias de Curry analisando a sociedade americana, são parecidas com as percepções dos estudos produzidos no Brasil sobre homens negros. Em território nacional, os estudos sobre homens e meninos negros, estão agregados dentro do campo de estudos das masculinidades negras, um subgrupo de temas que utilizam das teorias feministas produzidas no Ocidente e versam sobre a supremacia masculina para pensar o lugar dos homens e garotos pretos na sociedade brasileira, diferente de Curry que faz uma separação entre homens negros/ pretos mesmo dentro da sigla afro-americano, aqui os estudos utilizam o conceito político negro disposto no Estatuto da Igualdade Racial (Brasil, 2010).

Para Curry, a literatura produziu um discurso em que os Os homens negros são considerados estupradores latentes - o Macho Negro de antigamente - patriarcas violentos, um homem negro privilegiado, ansiando pelo momento em que lhe é permitido alcançar a masculinidade de brancos. Essas mitologias, de décadas passadas, permanecem a moralidade das disciplinas e a base política a partir da qual as caricaturas racistas tornam-se conceitos reverenciados (Curry, 2018, p. 30). E naturalizam as exclusões vivenciadas pelos pretos desde a infância até a velhice.

Cadê os meninos e garotos pretos na escola?

No artigo “Escolarizando homens negros”, bell hooks tece algumas reflexões sobre as produção de discursos sobre homens negros na sociedade americana, onde os homens negros eram considerados pouco inteligentes e com habilidades físicas que se sobrepõem às intelectuais pois “sob a visão estereotipada do racismo e do sexismo que os veem como mais corpo do que mente, homens negros estão propensos a serem recebidos

pela sociedade da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal” (bell hooks, 2015, p. 76).

Embora a teórica disserte sobre o modelo de sociedade americana, encontramos alguns reflexos no contexto brasileiro quando pensamos na experiência educacional de meninos e homens pretos no país. Quais são os fatores que justificam o insucesso escolar? E quanto ao abandono da escola? Quais são as ideias construídas em torno de meninos e homens pretos e como a permanência dessa ideologia naturaliza o abandono escolar? Essas questões muito simples, tanto em sua elaboração, quanto em sua resposta nos remetem à onipresença do racismo na sociedade brasileira e à forma como a sociedade é estruturada em torno da hierarquia de cor que condiciona esses sujeitos às representações de marginais, abusadores, delinquentes associados a todas problemáticas sociais vigentes na sociedade brasileira.

Nas palavras de Wagley (1963) “na América Latina, de um modo geral, desenvolveu-se um conceito de raça baseado nas características fenotípicas e socioeconômicas dos indivíduos, em vez da definição genética implícita na regra de hipodescendência norte americana. (Charles Walter Wagley, 1963, p. 55). De modo que a cor da pele escura e o pertencimento ao grupo racial preto tornam os indivíduos mais vulneráveis aos ataques que os demais grupos, pois a pele preta remete à escravização negra e ao profundo ódio racial criado em torno dos homens pretos.

E esse ódio é externado pelos discursos de ódio

Um fenômeno social complexo, que remete a situações diversas e heterogêneas entre si. A compreensão dessa complexidade é fundamental para uma adequada análise sistemática do problema, que não recaia em simplificações, casuísmos ou reducionismos, comumente geradores de divergências artificiais entre aqueles que se debruçam sobre o tema (André Gustavo Corrêa de Andrade, 2021, p.10).

Embora não possamos mapear o surgimento do discurso de ódio na humanidade, (Carlos Moore, 2007) aponta que os discursos de ódio da atualidade contra a população negra se relacionam diretamente com os proto-racismos, formas iniciais de racismo estruturadas em torno do ódio racial ao grupo melanodermico, “para efeito de dominação do grupo-alvo subalternizado, surgem políticas e mecanismos de repres-são (campanhas de “pacificação”, torturas públicas, destruição de vilarejos); de contenção (proibições discriminatórias, tabus, segre-gação racial) ”(Carlos Moore, 2007, p.258).

A principal característica do discurso de ódio para João Trindade Cavalcante Filho é “o exercício da liberdade de expressão para insultar pessoas ou grupos de pessoas,

propagando o ódio baseado em motivos como raça, religião, cor, origem, gênero, orientação sexual etc” (João Trindade Cavalcante Filho, 2018, p.192). No Brasil desde o período escravocrata foi construído um discurso baseado nas ideias racialistas do século XVII sobre a inferioridade da população negra que animalizava homens e mulheres, obrigando escravizados a trabalhar como humanos reprodutores forçados a produzir mais pessoas para o comércio escravagista.

Na contemporaneidade, os homens negros continuam a viver sob os signos de criminalidade, desde a violência no espaço escolar durante os anos iniciais na infância, até a discreta secreta segregação dentro das escolas durante o ensino fundamental e poucos concluem o ensino médio.

Fabiana de Oliveira e Anete Abramowick (2010) afirmam

O racismo aparece na educação infantil, na faixa etária entre 0 a 2 anos, quando os bebês negros são menos "paparicados" pelas professoras do que os bebês brancos. Um corpo negro suado tende a ser rejeitado, pois o suor tem algo que pode ser associado ao ato de misturar, de trocar, no qual "um" lança de si odores e vapores que acabam fazendo do outro também "um", a partir da umidade que passa para os dois corpos, como se um contaminasse o outro com o que tem de mais particular, no caso do negro, sua negritude. Além da questão do corpo, o cheiro faz parte de uma cuidadosa construção racista sobre o que é um corpo esteticamente aceitável, na qual ao negro cabe uma concepção depreciativa do corpo. Vejamos: Marli (professora das crianças de 1 ano) fez o seguinte comentário: "olha como o D. (negro) fica suado no sol". Depois de algum tempo, após ter se referido ao suor do menino, este vem até Marli, que estava sentada no chão, e tenta abraçá-la, mas quando foi encostar em seu rosto, ela disse: "nossa, você está todo suado". Ela sempre enfatizava a questão de D. (negro) ficar suado quando permanecia sob o sol (Oliveira e Abramowick, 2010, p. 222).

No relato acima, as pesquisadoras durante o trabalho de pesquisa numa creche pública observaram as práticas discriminatórias do corpo docente e da direção da escola no tratamento, cuidado e afeto direcionados as crianças negras e brancas. Os bebês negros não recebiam elogios sobre sua beleza e características e menos atenção das professoras durante as brincadeiras como no exemplo acima em que a professora se negou a pegar o bebê no colo por ele estar suado.

No artigo, “Quem são os meninos que fracassam na escola? a intelectual Marília Pinto de Carvalho apresenta os resultados de um estudo realizado nos anos 2002 e 2003 numa escola pública em São Paulo com alunos do ensino fundamental. A autora pontua a invisibilidade dos educandos de pele preta dentro do espaço escolar, a ausência de elogios, as queixas dos docentes referentes ao comportamento dos alunos (em ações

iguais as desempenhadas por alunos brancos e pardos). Os discentes pretos sofriam um processo de marginalização referenciando as ideias racistas sobre a raça preta.

No estudo *O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça* (Carvalho, 2004, p. 4) observa “[...] a defasagem entre série cursada e idade, que pessoas negras de sexo masculino têm maiores dificuldades em sua trajetória escolar, seguidos de mulheres negras, homens brancos e, em melhor situação, mulheres brancas”.

Passados vinte anos da publicação do trabalho, observo poucas mudanças na área educacional no que se refere aos alunos pretos, pois estes constituem, ainda, o grupo mais propenso à reprovação nas escolas, como mostram os dados publicados pelo INEP em 2024.

Gráfico 1. Taxa de Insucesso (reprovação + abandono)

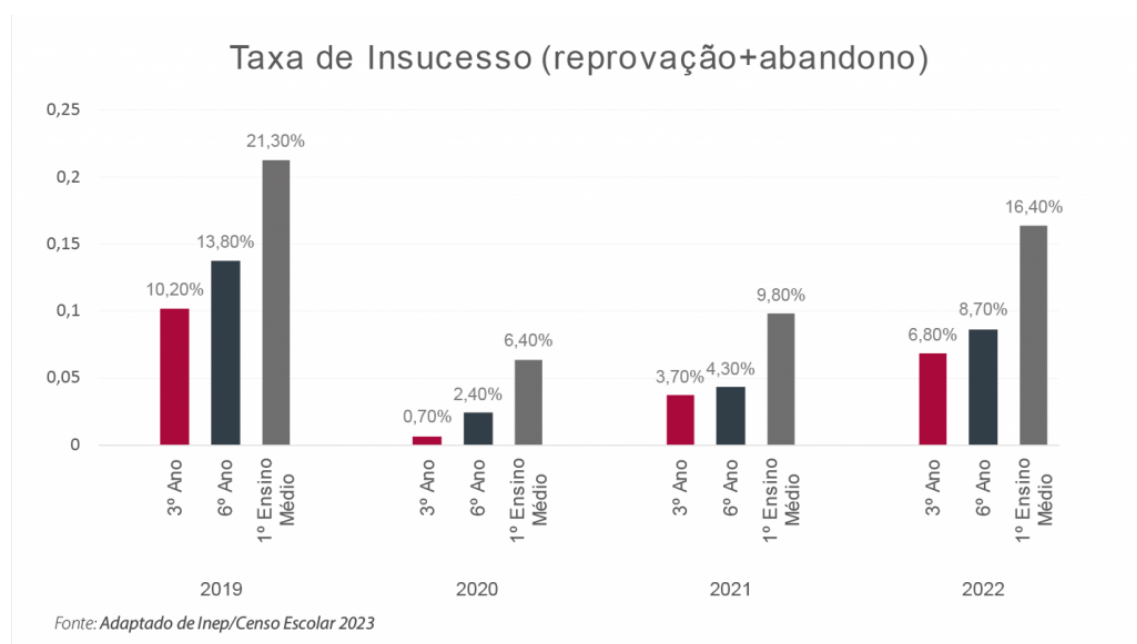
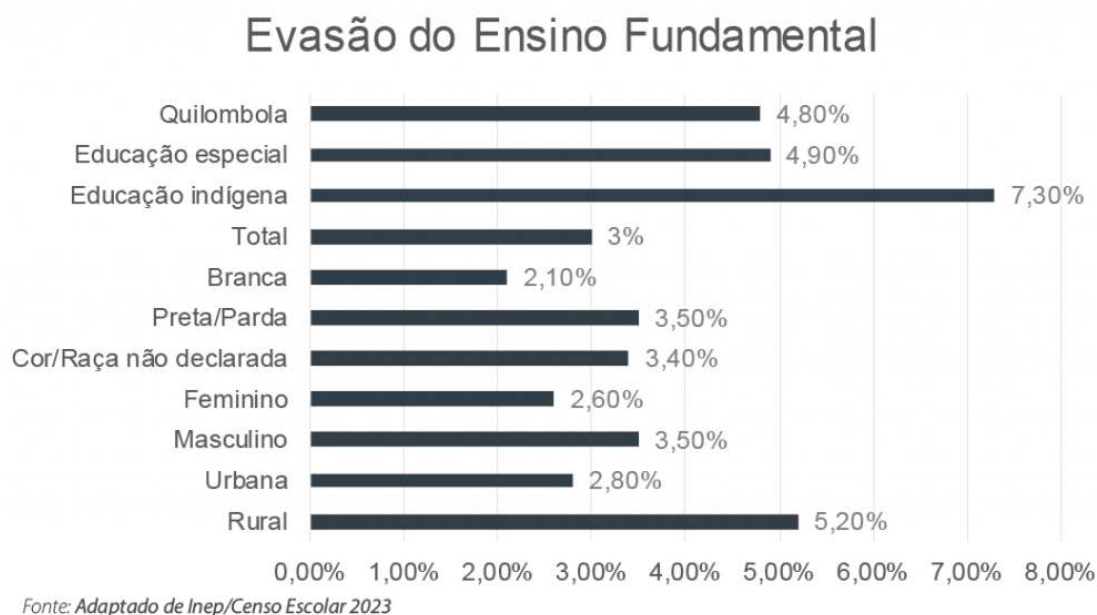


Gráfico 2. Evasão do Ensino Fundamental



Os dados do INEP mostram que o ano de 2023, os estudantes de cor preta e parda do gênero masculino foram o grupo que mais evadiu a escola. Compreender esse panorama de evasão significa entender os contextos em que ela ocorre, uma vez que aos garotos é oferecida pouca tolerância dos professores em relação ao não acompanhamento das disciplinas. A hipótese que defendo é a de que permanecem no imaginário as ideias racistas de que os alunos negros são desajustados, bagunceiros, não possuem interesse na escola e não “querem nada”. Discursos bastante comuns nas mídias sobre as juventudes das classes populares, que nomeiam esses indivíduos de “jovem-problema” (Carrano, 2019, p.2)

O intelectual Rodrigo Ednildo de Jesus, no artigo “Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização” mostra que as ofensas raciais no ambiente escolar somadas ao silêncio dos professores na mediação dos problemas permitem que o aluno preto se sinta excluído do ambiente escolar e acabe abandonando a escola, pois “os estereótipos raciais são utilizados como forma de naturalizar a subalternidade de determinados corpos, o silenciamento incide na negação do debate sobre raça no Brasil e, em consequência, nas possibilidades de desnaturalização destes processos de subalternidade” (Rodrigo Enildo de Jesus, 2018, p. 15).

Embora, no texto, o autor utilize o termo negro conforme a categorização do IBGE, a definição de cunho político na junção de dois grupos vulnerabilizados, na busca de maiores direitos para população não branca. Não encontra ecos na realidade social brasileira marcada por uma hierarquia de cor em que os dilemas enfrentados por alunos pretos e pardos nas escolas são completamente distantes, devido principalmente a dois fatores: primeiro, a crescente miscigenação no país, tornou as escolas públicas espaços multirraciais como todo país, uma vez que “na sociedade brasileira, o racismo orienta a sociabilidade, mas a mestiçagem é louvada” (Sérgio Costa, 2001, p.150).

Segundo, a valorização do mestiço dentro da cultura nacional, em relação aos pretos considerados exemplos do atraso da sociedade brasileira faz com que os alunos pretos sofram ódio racial dentro do ambiente escolar ao serem nomeados de escravos, macacos, entre outros termos ofensivos e depreciativos, uma vez que a representação dos povos pretos nos livros didático são imagens de escravidão como defende Maiza da Silva Francisco na dissertação “A escolarização do negro no Brasil: possíveis trajetórias”.

Na dissertação “Trajetórias escolares de pretos, pardos e brancos no ensino fundamental: um estudo longitudinal”, com dados coletados em escolas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, entre 1999 e 2003, defendida em 2010, Isabel Fonseca da Costa faz uma análise sobre a permanência escolar e a diferença entre pretos e pardos em relação aos indicadores nacionais, embora seja muito comum, como no artigo de Rodrigo de Jesus, “ a agregação de pretos e pardos em contraste entre brancos, não há consenso de que esse seja o um artifício metodológico apropriado” (Isabel Fonseca da Costa, 2010. p. 3). A autora conclui que o racismo, onipresente na sociedade brasileira, constitui-se como principal entrave na permanência dos grupamentos pretos na escola, uma vez que todo o sistema escolar assim como a sociedade brasileira se ampara na negação do racismo, de modo que embora haja continuamente práticas racistas tanto do corpo docente que considera os garotos pretos, projetos de marginais destinados a criminalidade.

Possuindo como ideia central, essa ideologia, o ambiente escolar é o espaço de experimentação da violência racial para crianças pretas, principalmente meninos dentro das escolas de educação infantil. No tocante a minha experiência enquanto aluna de escola pública, as ofensas racistas no ambiente escolar são praticadas tanto por alunos brancos quanto pardos. E enquanto professora, é perceptível a ideia de superioridade que os alunos pardos possuem em relação aos pretos em que o racismo estimula o pardo a lançar mão da estratégia da “saída de emergência” para se diferenciar dos pretos e, se bem-sucedida,

se livrar da “sorte” comum. Ou seja, o pardo não tem nenhum incentivo para se sentir “negro” quando o que está na agenda são os estereótipos e ofensas aos pretos” (Porto, Natália França Figueirêdo; Mário Fuks; Muniz Jeronimo Oliveira, 2016, p.16).

Para Carlos Halsenbalg, autor dos estudos sobre desigualdades sociais que serviram como base para que o IBGE agregasse pretos e pardos no grupo ‘negro, a oposição brancos/ não-brancos se refere estritamente aos dados socioeconômicos pois “quando examinamos outras dimensões da vida social envolvendo a sociabilidade dos indivíduos (por exemplo, o casamento e a amizade), esse padrão não se verifica, os pardos se diferenciando dos pretos e se aproximando mais dos brancos” (Carlos Hasenbalg APUD Guimarães, 2016, p. 263).

De modo que dentro da escola, os meninos pretos sofrem opressão racial de meninos pardos e brancos, uma vez que os apelidos racistas são mais aplicados a pessoas de pele preta e somente na ausência deles, que pessoas pardas são racializadas.

Considerações Finais

O artigo percorre um caminho de pensar primeiramente os efeitos das legislações brasileiras impactaram a população negra, que era anteriormente a escravizada, criando uma problemática social relacionada a pobreza e escolaridade, devido a esse passado histórico e a ausência de reparação financeira para corrigir a desigualdades raciais.

De modo que hoje a juventude negra masculina, vivencia múltiplas questões sociais principalmente dentro da escola, em que o abandono escolar é muitas das vezes causado pelo racismo dentro das instituições que funcionam como agentes expulsatórios desses sujeitos, que desde a tenra idade recebem menos atenção e são mais cobrados que meninos de outros grupos raciais, de modo que esses meninos passam a não criar vínculos com a escola devido a sofrerem racismo e serem ignorados tanto por professores quanto pelos coordenadores. Da mesma forma a pobreza faz com que esses meninos muitas das vezes sejam obrigados a ingressar no mercado de trabalho para ajudar nas despesas da casa e paulatinamente vão abandonando a escola.

Com base no caminho teórico percorrido acredito que os Estudos sobre Homens Negros fornece novas ferramentas críticas para pensarmos os meninos, adolescentes e homens pretos e pardos, pois rompe com as ideias produzidas pelo colonialismo trazendo perspectivas de compreendermos esses indivíduos fora das caixinhas eurocêtricas que reproduzem racismos e discursos de ódio que legitimam o extermínio da população masculina preta.

Referências

ANDRADE, André. Gustavo Corrêa. *Liberdade de Expressão e Discurso de Ódio*. REVISTA DA EMERJ, v. 23, p. 9-34, 2021.

BARROS, Surya Pombo de. *Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX. Educação e Pesquisa* - Revista da Faculdade de Educação da USP, v. 42, p. 591-605, 2016.

BRASIL. *Constituição Política do Império do Brasil (De 25 de Março de 1824)*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao24.htm. Acesso em: ago. 2025.

BRASIL. *Lei n. 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império: Dispõe sobre as terras devolutas no Império*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0601-1850.htm>. Acesso em: 30 ago. 2025

BRUGGER, Winfried. (2010). *Proibição ou Proteção do Discurso do Ódio? Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano*. *Direito Público*, 4(15). Recuperado de <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418>.

CARRANO, Paulo. O jovem brasileiro e a escola diante da precarização da vida e de desafios democráticos. In: FUNDAÇÃO SM. *Observatório da Juventude na Iberoamérica*. [S. 1.]: Fundação SM, 2019. Disponível em: <https://paulocarrano.blog/2019/09/04/o-jovem-brasileiro-e-a-escola-diante-da-precariozacao-da-vida-e-de>.

CARDOSO, Maria Angélica ; Lara, Ângela Mara. b. *Sobre as funções sociais da escola*. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9.; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. Curitiba: PUCPR, 2009.

CARMO, Michelly Eustáquio; GUIZARDI, Francini Lume. *O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social*. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2018, v. 34, n. 3 26 Mar 2018. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00101417>.

CARVALHO, Marília Pinto de. *Quem são os meninos que fracassam na escola?*. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 34, n.121, p. 11-40, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. *O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça*. *Cadernos Pagu* (UNICAMP), Campinas, SP, v. 22, p. 247-290, 2004.

CAVALCANTE João Trindade Filho. *O discurso de ódio na jurisprudência alemã, americana e brasileira: como a ideologia política influencia os limites da liberdade de expressão*. São Paulo: Saraiva educação, 2018. 192 p.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (Coord.). **Atlas da violência 2025**. Brasília: Ipea; São Paulo: FBSP, 2025. Disponível em: [URL completo do documento, como por exemplo o link para o PDF](#). Acesso em: 25. nov. 2025.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Claudio Willer, com ilustrações de Marcelo D'Saete. Notas e uma cronologia contextualizada da vida e obra de Aimé Césaire por Rogerio de Campos. São Paulo: Veneta, 2020.

COSTA, Sérgio. *A mestiçagem e seus contrários - etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(1): 143-158, maio de 2001.

CURRY, Tommy J. *The Man-Not: Race, Class, Genre, and the Dilemmas of Black Manhood*. Temple University. 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: [Informativo - PNAD set2025](#). Acesso em: 10 nov. 2024.

FRANCISCO, Maiza da Silva. *A escolarização do negro no Brasil: possíveis trajetórias*. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/ Nova Iguaçu, RJ, 2019.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. Tempo Brasileiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, 1988a.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Entrevista com Carlos Hasenbalg*. Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2, p. 259 – 268

hooks, bell. *Escolarizando homens negros*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 23, n. 3, p. 677-689, Dec. 2015.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo Escolar*, 2024. Brasília: MEC, 2025.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. *Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização*. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 34, e167901, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado é pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. –Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Tradução . Niterói: EDUFF, 2004.. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 01 ago. 2025

OLIVEIRA, Fabiana de y ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e “paparicação”. *Educ. Rev.* [online]. 2010, vol.26, n.02, pp.209-226. ISSN 0102-4698.

OLIVEIRA, Iolanda. *O negro no sistema educacional brasileiro: alguns aspectos históricos e contemporâneos*. Disponível em: [apresentacao_iolanda_oliveira.pdf](#). Acesso: 27/08/2025.

OSORIO, Rafael Guerreiro. *O sistema classificatório de cor ou raça do IBGE*. Brasília, DF: Ministério do Planejamento. Orçamento e Gestão, 2003.

WYNTER, Sylvia. *On being human as Praxis*. Duke University Press. 2015.

PORTO, Natália França Figueirêdo; FUKS, Mário; MUNIZ Jeronimo Oliveira, 2016, p.16). *Nem tão “preto e branco”*: explicando as atitudes dos pardos no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 40., 2016, Caxambu. Anais [...] Caxambu, 2016. Disponível em: [Terminal - Sophia Biblioteca Web](#). Acesso: 01 set 2025.

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade*. Experiências internacionais e práticas de poder na Nossa América. Trad. de Allyson de Andrade Perez. Belo Horizonte: 2018.

Recebido em setembro de 2025.

Aprovado em dezembro de 2025.